



#Mulheres

Cuidar de diálogo, convivência e conflito em comunidade

Originalmente publicado no [Medium](#), em 2 de setembro de 2020

Autoria de Livia Vidal e Elô Nunes

**Publicado por Mulheres de Pedra e Instituto PACS*

No nosso coletivo Mulheres de Pedra¹, localizado em Pedra de Guaratiba na Zona Oeste do Rio de Janeiro, temos vivenciado a Justiça Restaurativa. Os círculos debaixo da mangueira acontecem na abertura dos nossos encontros: a escolha do bastão da fala, a mandala no centro da roda — que acolhe a todas e todos, inclusive as nossas crianças. Como diz Mônica Mumme: **“Todas as histórias precisam caber no mundo e no círculo podemos vivenciar essa experiência”**. Tem sido uma experiência muito profunda de reconexão, por isso, há algum tempo temos pensando em como poderemos compartilhar essa prática com mais mulheres da Zona Oeste, seguir nutrindo para que ela se enraíze cada vez mais entre nós; e nos espaços onde existe a experiência da negação dos direitos, da profunda violação e do não acolhimento.

Ao falar de Justiça Restaurativa trazemos o encontro, contato, troca em que fomos guiadas pela sabedoria da Sobonfu Somé.

¹ Mulheres de Pedra é um grupo de economia solidária de Pedra de Guaratiba (RJ). Somos um coletivo colaborativo, horizontal, independente e autogestionado realizado por uma rede aberta de mulheres.

“A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros”.
(SOMÉ, p. 35)

Ter uma comunidade onde temos espaço para contribuir - que fala forte! Ter escuta para compartilhar nossos dons - tão essencial, necessário, quanto respirar.

Ao longo do processo, precisamos renovar tempo-espaço de troca amorosa, curativa, cuidadosa, cautelosa, para seguir renovando a ampliação criativa. Para cuidar e identificar que, por vezes, mesmo sem querer podemos experimentar formas diversas de produzir silenciamento (violação de direito). Promover espaços seguros de fala e escuta, com rituais e metodologia cuidada e partilhada pode nos guiar na construção do mundo e das relações que tanto queremos, e através da Justiça Restaurativa podemos rememorar, mas que ainda pouco conhecemos.

Acumular dores em silêncio é violência que nos impomos e que sai de algum modo, em algum momento, extravasa em algum lugar-pessoa.

E vale a pena falar que a Justiça Restaurativa é orientada por princípios que precisam ser cuidados ao longo de todo o processo. Princípios como horizontalidade; todas as narrativas e histórias são importantes e precisam

ser validadas; inteireza; voluntariedade; corresponsabilidade; imparcialidade — estar atenta e ser honesta quanto aos julgamentos para nos desfazermos deles; auto-investigação; cooperação; dentre outros. Esses princípios são cuidados na vivência do Círculo de Construção de Paz, prática na qual estamos formadas e que nos apoia na experimentação da Justiça Restaurativa.



Nessa construção circular, nessa proposta comunitária de exercício da palavra, pensar sobre o que significa poder é fundamental. Mapear que, por vezes, podemos experimentar e efetivar poder sobre a outra pessoa, assumindo inconscientemente comportamentos coercitivos, mesmo quando desejamos vivenciar o contrário. Estamos certas de que nesse caminhar o compromisso é do poder com: **“umas com as outras”**. E que por vezes pensamento e discurso estão alinhados com o mundo integralmente justo,

saudável, amoroso, mas nem sempre nossas atitudes e comportamentos correspondem a esse mundo desejado que estamos construindo. Ainda carecemos de parâmetros, experiências nesse caminhar.

Quando não há diálogo, há silenciamento. Quando não temos redes ou em nossas redes de atuação não somos ouvidas o quanto isso gera de conflito e de adoecimento? Como podemos abrir espaço-tempo para nos repensar? Nos auto investigar, para identificar nossa corresponsabilidade e nos apoiar na construção da beleza das relações ainda desconhecidas? O que podemos transformar em nós? Nas nossas relações? Para construir e acessar o novo que desejamos experimentar a nível coletivo? Como na sociedade em que vivemos experimentamos saúde, educação, se pensarmos a partir dos nossos corpos, mulheres negras — essa experiência é marcada, a partir da ausência dos direitos? O que é justiça para cada uma de nós?

Na experiência do círculo a gente constrói um “território seguro” de compartilhamento a partir de nós mesmas, onde a gente tem oportunidade de trazer as nossas questões internas para essa roda; é onde a gente se reconecta, se reconhece na trajetória uma das outras, é uma experiência de nivelamento, de fortalecimento dos nossos vínculos.

A Justiça Restaurativa nos convoca...

tempo de conectar e integrar discurso e prática

parar de evitar o conflito e assumir se relacionar a partir dele

construir caminhos para cooperar

cessar de criticar, rechaçar, excluir, anular a diferença

experimentar uma estratégia em que todas e todos possam pertencer

é uma filosofia, uma prática metodológica

uma didática de aprendizado na lição da corresponsabilidade

construir o mundo mais justo e cuidadoso e amoroso que desejamos

é um “território seguro” e cuidadoso que tem em si a sabedoria da nossa ancestralidade onde falamos e ouvimos com nosso coração

sem abdicar do poder individual, coletivo, horizontal e circular

“Eu com a outra em direção ao diálogo à paz” — Makota Valdina Pinto

Assim, esse texto, se apresenta em forma de convite, expressando a vontade de aproximar mais mulheres da Justiça Restaurativa. Estamos desejosas e disponíveis, para vivenciar espaços de escuta, acolhimento e conexão entre nós. Nós, mulheres negras, em especial mulheres da zona oeste do Rio de Janeiro que estão dedicadas à construção de caminhos mais dialógicos, em busca de uma horizontalidade e relações íntegras para nós e para a população deste território ao qual pertencemos.

Esse desejo, projeto, convite, ainda está aberto e à espera de nova oportunidade para se efetivar, com Mulheres articuladoras e agentes de transformação e criação de vida. Uma forma de celebrar nossas vidas pulsantes, ativas e dispostas ao exercício-aprendizado diário de coletivizar.